



## **SANGUE NEGRO: PERSPECTIVAS DA LITERATURA NEGRA EM NOÉMIA DE SOUSA**

ANTÔNIO MARQUES PEREIRA FILHO; BRENDA DAMASCENO SILVA

### **RESUMO**

O presente trabalho propõe uma discussão sobre a literatura negra de autoria feminina, por meio da poesia de Noémia de Sousa, poeta moçambicana do século XX. Noémia é uma das vozes fundadoras da literatura de Moçambique, apresenta uma poética que se insere no conjunto da produção literária da década de 1950. Para tanto, nosso estudo é de cunho bibliográfico e interpretativo. Pretendemos analisar a representatividade da figura feminina negra na poética de Noémia, com ênfase nos aspectos sociais, históricos e literários. Além de ressaltar sobre a memória ancestral das vozes femininas negras que foram silenciadas e apagadas, por muito tempo, durante e após o período colonial. Nosso processo metodológico está concatenado em três etapas: a primeira, leitura da obra *Sangue negro* (2016), de Sousa. Em seguida, leitura dos teóricos que estudam sobre a temática em análise e, por último, leitura e interpretação dos dois poemas selecionados: “Sangue negro” e “Negra”. Fundamentamo-nos nos estudos teóricos de Stuart Hall (2004), na leitura da obra *A identidade cultural na pós-modernidade*; Djamila Ribeiro (2017), pelo olhar da obra *O que é lugar de fala?*; Florentina Souza (2007), na análise da obra *Memória e performance nas culturas afro-brasileiras*, entre outros. Os poemas analisados apresentam temáticas de denúncias de cunho social, histórico e sociológico. Frisam a dor do eu lírico pela violência contra a Mãe-África, da reconstrução da memória ancestral etc. Portanto, esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para novos estudos e dar maior visibilidade à escrita de autoria feminina negra, sobretudo, à de Noémia de Sousa.

**Palavras-chave:** Poesia moçambicana; autoria feminina negra; Identidade; Sangue negro; Noémia de Sousa.

### **1 INTRODUÇÃO**

A literatura negra de autoria feminina por muitos anos esteve à margem da sociedade, principalmente a poesia, foi silenciada e esquecida. Com os debates sociais, movimentos importantes de grupos tidos como “minorias” que lutam por igualdade social, contra o racismo, misoginia, feminicídio e diversas outras questões latentes em nossa sociedade, a literatura negra tem ganhado novos olhares e críticos literários. Temos visto espaço para discutir e falar sobre muitas escritoras negras que sequer eram conhecidas, sejam elas brasileiras, como: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, ou africanas, como a escritora moçambicana Noémia de Sousa, que utilizamos como instrumento de pesquisa neste trabalho.

Carolina Noémia Abranches de Sousa, nasceu em 1926, em Catembe, vila no litoral sul de Moçambique. Foi uma das personalidades literárias moçambicanas mais influentes do século XX, produzindo poesia de denúncia social, contra o regime opressor colonial instaurado em Moçambique pelos portugueses e de resistência da mulher africana. Seu legado inspirou muitos escritores africanos como Mia Couto, Ungulani Ba Ka Khosa e Nelson Saúte. Além disso, no Brasil a autora também é muito festejada por escritores como: Marcelino Freire, que em seus cursos de escrita literária sempre faz referência à obra de Noémia e o Rapper Emicida, que em seus shows já citou trechos de poesias dessa célebre escritora.

Nossa análise dá ênfase à representatividade da figura feminina negra em seus poemas “Sangue Negro” e “Negra”, contextualizando com os aspectos sociais, históricos e literários de sua produção. Por meio desta pesquisa, buscamos construir um debate a respeito da escrita de autoria negra feminina e contribuir para maior visibilidade à escritora Noémia de Sousa.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Nossa metodologia está constituída em três etapas, a saber: inicialmente, realizamos a leitura da obra *Sangue negro* (2016) de Noémia de Sousa, para averiguarmos os poemas que apresentassem maior teor identitário, da figura feminina diante ao sistema patriarcal, machista e colonizador. Em seguida, realizamos um levantamento dos autores que têm estudado o conceito de identidade e selecionamos suas produções mais significativas. A partir de então, definimos o arcabouço teórico que iríamos estudar. Feita a escolha dos poemas, procedemos a uma leitura crítica e hermenêutica dos dois poemas selecionados: “Sangue negro” e “Negra”, cujos poemas apresentam temáticas sobre a figura da mulher negra na sociedade em geral, a luta do negro pela liberdade de expressão nos diferentes estratos sociais etc.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita de Noémia de Sousa diz muito sobre a essência do negro, da sua memória, das dores e tristezas vividas, dos lamentos e desalentos, da ausência de humanidade do homem branco, das injustiças sociais para com o negro no período escravocrata, mas sobretudo das lutas sociais e políticas do povo africano. Sua escrita está pautada na denúncia das mazelas sociais e das inúmeras tentativas de silenciamento da voz negra, principalmente, das vozes femininas. Sua escrita é seu canto de liberdade, é recriação de uma identidade não colonizada, de uma identidade que afirma sua negritude, é o sangue que corre em suas veias e chega ao seu coração e lhe dá o fôlego da vida para lutar pelos seus irmãos negros e sua Mãe-África.

Por meio da voz de Noémia, escritora moçambicana, viajamos pelo território africano, pelas memórias desse povo resistente e corajoso. Leiamos o poema intitulado “Sangue negro”, pertencente à obra *Sangue Negro* (2016), o qual deu título à obra supracitada:

Ô minha África misteriosa e natural. minha virgem violentada,  
minha Mãe!

Como eu andava há tanto desterrada, de ti alheada  
distante e egocêntrica por estas ruas da cidade!  
engravadas de estrangeiros Minha Mãe, perdoa!

Como se eu pudesse viver assim, desta maneira, eternamente, ignorando a carícia  
fraternamente morna do teu luar  
(meu princípio e meu fim)...  
Como se não existisse para além  
dos cinemas e dos cafés, a ansiedade  
dos teus horizontes estranhos, por desvendar..  
Como se nos teus matos cacimbados  
não cantassem em surdina a sua liberdade,  
as aves mais belas, cujos nomes são mistérios ainda fechados!

Como se teus filhos - régias estátuas sem par -, altivos, em bronze talhados,  
endurecidos no lume infernal do teu sol causticante, tropical,  
como se teus filhos intemeratos, sobretudo lutando,

à terra amarrados,  
como escravos, trabalhando, amando, cantando -

meus irmãos não fossem!

Ó minha Mãe África, ngoma pagã, escrava sensual,  
mística, sortilega - perdoa!

À tua filha tresvairada, abre-te e perdoa!

Que a força da tua seiva vence tudo!  
E nada mais foi preciso, que o feitiço impar dos teus tantãs de guerra chamando,  
dundundundun-tâtâ-dundundundun-tâtâ nada mais que a loucura elementar  
dos teus batuques bárbaros, terrivelmente belos.

para que eu vibrasse para que eu gritasse,  
para que eu sentisse, funda, no sangue, a tua voz,  
Mãe!

E vencida, reconhecesse os nossos elos... e regressasse à minha origem milenar.

Mãe, minha Mãe África  
das canções escravas ao luar, não posso, não posso repudiar  
o sangue negro, o sangue bárbaro que me legaste... Porque em mim, em minha alma,  
em meus nervos, ele é mais forte que tudo,  
eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe! (SOUSA, 2016, pp. 129-130).

O poema apresenta uma sonoridade dos ritmos africanos, uma vez que, os batidos dos “batuques” se fundem com os clamores do eu lírico. O imaginário é construído a partir da resistência diante de qualquer tipo de dominação, assumindo uma função social de criticidade em relação ao domínio colonial. É na matéria do corpo negro, o qual sente dor, que tiram dele sua identidade e dignidade enquanto ser humano, colocando-o em um lugar de insignificância. Na primeira estrofe do poema, o eu lírico evidencia a violência que sua Mãe-África sofreu: “Ó minha África misteriosa e natural. / minha virgem violentada, / minha Mãe!”. Nesse excerto, o eu lírico chora suas dores de violência que a África enfrentou, pois, tiraram dela a virgindade. Ao frisar que a África é misteriosa e natural, sabemos que o continente africano é rico de recursos naturais, embora se tenha criado estereótipos de que seja um continente pobre e improdutivo, tal pensamento é mito.

Comprovamos na segunda estrofe do poema a angústia e tristeza do eu lírico, ao andar pelas ruas da cidade e se deparar com estrangeiros e invasores de seus territórios, ao mesmo tempo por ter vivido tão distante de tudo o que sua mãe havia perpassado, coloca-se em um lugar de egocêntrica e alheia a tudo aquilo: “Como eu andava há tanto desterrada, / de ti alheada / distante e egocêntrica / por estas ruas da cidade! / engravidadas de estrangeiros”. Em seguida, pede perdão por toda ausência e silenciamento: “Minha Mãe, perdoa!”. Vislumbramos, assim, um nicho de relações sociais vigentes em Moçambique, que marginalizava a voz feminina negra, pois o poema está permeado pelo sofrimento, dor e angústia de um eu lírico feminino silenciado e até apagado em alguns contextos da sua história. Visualizamos, ainda, os horrores que o eu lírico vê da colonização da África.

Partindo desse pressuposto, a escritora Djamilá Ribeiro (2017), afirma que a forma como as identidades foram forjadas no cerne de sociedades coloniais, faz com que indivíduos brancos não se percebam como marcados e sejam considerados representantes de uma coletividade. Ribeiro (2019, p. 42) ainda afirma que “o privilégio social resulta no privilégio epistêmico, que deve ser confrontado para que a história não seja contada apenas pelo ponto de vista do poder. É danoso que, em ma sociedade, as pessoas não conheçam a história dos povos que a construíram”.

Assim, podemos salientar que

a história das culturas afrodescendentes é tradicionalmente marcada por embates e discussões que envolvem reflexões sobre a temática da memória, da história, da identidade e das performances. Este debate tem seus marcos originais na história do tráfico e na existência de um ritual que envolvia circular em torno da “árvore do esquecimento” para garantir imunidade ao “banzo” e, principalmente, o apagamento dos nomes e das tradições culturais daqueles que seriam embarcados à força para diáspora. Assim, as várias tradições culturais africanas da diáspora sempre lidaram com esforços individuais e coletivos de guarda e preservação, reconstituição e reorganização de pedaços, narrativas, cânticos e performances, tecidos e traços, plantas e costumes entre outras bagagens que, junto com os corpos e almas, atravessaram o Atlântico (SOUZA, 2007, p. 30-31).

Diante desse contexto, a história das culturas africanas fora ignorada e apagada por longo tempo. Por conseguinte, o poema “Sangue negro” combate e resiste ao domínio colonial português. Noémia de Sousa propõe inquietações ao leitor e traz uma linguagem carregada de força e oralidade. O poema “Sangue negro” apresenta um desdobramento da voz feminina diante de um sistema patriarcal, machista e colonizador. O eu lírico não desiste de sua identidade e resgata a memória de seus irmãos negros, de seus ancestrais, surge assim o desejo de liberdade ideológica. O eu lírico se difunde em um grito de clamor universal, pois “o sangue negro, o sangue bárbaro que me legaste... / Porque em mim, em minha alma, em meus nervos, / ele é mais forte que tudo, / eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe”.

Nesse sentido, Noémia de Sousa estreou a cena literária feminina em Moçambique, com sua poesia de combate às opressões sofridas pelas mulheres em seu país, influenciou poetas moçambicanos a buscarem suas vozes e lutarem por sua liberdade através da arte, por isso é muitas vezes chamada de “mãe dos poetas moçambicanos”. Em seus poemas há uma voz feminina militante que denuncia, grita contra as injustiças sociais, sua expressão também é sobretudo coletiva, fala em nome de todo um povo que por longos anos foi silenciado e submetido ao horror da colonização portuguesa.

Em seu poema “Negra” presente também na obra *Sangue Negro* (2016), podemos perceber a representação de uma lógica de construção estabelecida entre a mulher negra africana colonizada e o colonizador branco europeu. Leiamos:

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros mundos quiseram cantar teus encantos  
para elas só de mistérios profundos, de delírios e feitiçarias...  
Teus encantos profundos de África.

Mas não puderam.  
Em seus formais e rendilhados cantos, ausentes de emoção e sinceridade, quedas-te longínqua, inatingível, virgem de contactos mais fundos.  
E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual, jarra etrusca, exotismo tropical,  
demência, atracção, crueldade, animalidade, magia...  
e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados foste tudo, negra...  
menos tu.

E ainda bem.  
Ainda bem que nos deixaram a nós,  
do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma, sofrimento,  
a glória única e sentida de te cantar com emoção verdadeira e radical,  
a glória comovida de te cantar, toda amassada,  
moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE (SOUZA, 2016, pp. 65-66).

A literatura revolucionária de Noémia desconstrói a imagem caricata da mulher africana inventada pelo colonizador. Devemos ressaltar que a grande maioria das sociedades africanas são patriarcais, a figura masculina é centralizada como detentora de poder absoluto. Questão essa bastante profunda e enraizada em Moçambique, abordada também no Romance *Niketche* (2021) da escritora Moçambicana Paulina Chiziane. Com a vinda dos colonizadores portugueses, a mulher africana e negra ficou ainda mais à margem da estrutura social.

Por esse viés, o pré-julgamento dos homens colonizadores sobre as mulheres negras e africanas possibilitou a criação de uma imagem da mulher africana que não existe. Repleta de estereótipos antiquados e cruéis, principalmente sobre o corpo feminino. O eu lírico ironiza dizendo: “Ainda bem”, pois com toda essa idealização exagerada e banalizada compete às mulheres africanas negras mostrarem quem elas realmente são, e sabemos que a arte contribuiu muito para que fosse possível se expressarem. Preservando, assim, suas identidades e memórias. Para o sociólogo jamaicano Stuart Hall (2004, p.49), a construção de identidades é formada e transformada no interior da representação.

Assim, compreendemos que o poema conclui com a necessidade de dar voz e vez para que as mulheres africanas negras possam de fato contar suas histórias, partindo de pontos de vista experienciais próprios de suas vidas. Pois por muito tempo as histórias que foram contadas sobre as mulheres negras africanas eram escritas somente por homens brancos europeus. Também captamos uma metáfora ao continente africano, que é chamado no poema de “MÃE”, remetendo-nos à figura da mulher, que é potente e geradora de vidas, mas terrivelmente marcada pela violência e ainda sub-representação de diversas maneiras.

#### 4 CONCLUSÃO

Entendemos, portanto, quão necessário é o estudo da literatura de autoria feminina negra em nossa contemporaneidade, pois a literatura em sua mais ampla dimensão, como salienta Antonio Candido (2011), tem a função social de humanizar as pessoas de forma crítica e sábia. Mediante a isso, a escrita de Noémia de Sousa apresenta uma transgressão de denúncias sociais, porque muitas mulheres não tiveram a coragem de enfrentar o sistema vigente do país e lutar contra a opressão e o silenciamento. Ao usamos como *corpus* de análise os poemas “Sangue negro” e “Negra”, em sua composição estética, já percebemos o poder lexical que os vocábulos representam e Noémia costura uma poética com aspectos negritudinistas, bem como a questão da resistência, a luta por espaço e a liberdade de expressão. Dois poemas que denunciam predominantemente a violência promovida pelo processo colonial, com ênfase sobretudo em uma literatura de combate.

#### REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: \_\_\_\_\_. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche*. São Paulo: Companhia de Bolso, 20221.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Florentina. *Memória e performance nas culturas afro-brasileiras*. In: ALEXANDRE,

Marcos Antonio (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 30-39.

SOUSA, Noémia de. Sangue Negro. São Paulo: Editora Kapulana 2016.